

DISCUTINDO O CONCEITO DE IDENTIDADE

MEIRA, Chéli Nunes¹; ESPIG, Márcia Janete²

¹Universidade Federal de Pelotas, Acadêmica do curso de Bacharelado em História; ²Universidade Federal de Pelotas, Prof. Dra. do Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, marcia.espig@terra.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho que está ainda em andamento, tem como objetivo uma revisão bibliográfica do conceito de identidade. Procuramos desenvolver esta pesquisa com suporte da História Cultural.

Para os autores Weinstein (1998), Hall (2003) e Louro (2007) a identidade é uma construção contínua, algo fragmentado que pode ser até contraditório. Não nos identificamos apenas com um sentido e sim com vários, possuímos comportamentos diferenciados em determinados contextos. No trabalho temos uma identidade, que não é a mesma em casa com a família e possui outro contexto com os amigos. Estamos sempre em transformação. Aquilo com que nos identificamos hoje não necessariamente será o mesmo com o que nos identificaremos amanhã.

Apesar disso, Weinstein (1998), Hall (2003) e Louro (2007) afirmam que as identidades, mesmo fragmentadas, possuem unidade; não podemos separá-las; elas se ligam e formam um indivíduo único, uma pessoa com algumas peculiaridades, mas com uma personalidade central que comanda o todo.

Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem “camadas” que se sobrepõem umas às outras, como se o sujeito fosse se fazendo “somando-as” ou agregando-as. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes “posições”. Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas – perceber-se de distintos modos (LOURO, 2007, p.51).

Pensando nesta definição e com receio de cairmos no senso comum, identificamos que este conceito precisa de uma revisão historiográfica. Assim, investigar mais profundamente o conceito de Identidade e o que afirmam os pesquisadores sobre ele é o objetivo deste trabalho.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Esta pesquisa faz parte das discussões do Grupo de Estudos de Teorias da História – UFPEL, coordenado pelo Prof. Dra. Márcia Janete Espig, onde debatemos textos de teoria da história e historiografia, como: Burke (1997, 2005), Guazzelli (), Petersen (2002), Prost (2008), Veyne (1995). A partir das discussões e do interesse individual de cada integrante do grupo surgem indagações, dentre elas a que impulsionou esta proposta de trabalho. Assim para esta pesquisa buscamos a leitura de autores que discutem o conceito de Identidade (Brah, 2006; Hall, 2003; Louro 2007; Menezes, 2000; Pollak, 1992; Weber, 2006; weinstein, 1998). Segundo Stuart Hall (2003):

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas (2003, p.8-9).

Assim, concordando com Hall nossa pesquisa utilizará como método o confronto de diferentes autores, como Menezes (2000) em contraponto com Hall (2003), debatendo criticamente suas considerações teóricas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas vezes usamos um conceito e nem pensamos no que realmente ele significa, assim criamos verdades absolutas, e negamo-nos a discuti-las. Petersen (2002) já nos lembrava dos riscos das interpretações equivocadas sejam elas pela interdisciplinaridade, ou pela trivialidade da história, ou mesmo por falta de um aprofundamento teórico. Devemos levar em consideração que muitos conceitos vêm se modificando ao longo dos anos. Diante disso, observamos que falar de uma identidade universal é problemático, assim como falar que identidades individuais são fragmentadas.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho não busca encerrar o debate sobre o conceito de Identidade, mas provocá-lo. Entendemos que existe sim uma conexão que une e diferencia as pessoas por afetividade, interesse, proximidade, mas a dúvida é se este sentimento pode ser definido conceitualmente através do termo Identidade. Permanece, portanto, o questionamento sobre como poderíamos melhor definir o conceito de Identidade. Observamos que na academia a leitura e a discussão específica sobre o conceito que estamos trabalhando carecem de um maior aprofundamento, para o qual esperamos ter contribuído.

5 REFERÊNCIAS

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. **Cadernos Pagu**. Campinas, Jan. / June 2006. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-8332006000100014&script=sci_arttext&tlng=en

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Além da virada cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 131-163.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Legitimidade e utilidade da História: canções, moinhos e outras coisas. In: **Questões de Teorias e Metodologia da História**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, p.325 a 336.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.37-56.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. Crítica a Noção de Identidade Cultural. **XXII Reunião Brasileira de Antropologia**. Brasília. Julho de 2000.

PETERSEN, Silvia. **Alguns comentários sobre a história do conhecimento histórico**. Organon (UFRGS), Porto Alegre, RS, V. 16, n: 32, 33, p. 203-217, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

PROST, Antoine. História como compreensão. In: **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 133 a 152.

VEYNE, Paul. Tudo é histórico, logo a historia não existe. In: **Como se escreve a história**. Brasília: Ed. UNB, 1995. Cap. 2, p. 17-25.

WEBER, Regina. Entre o primórdio e o construído: as identidades sob análise. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XXXII, n.1, p.189-197, junho 2006.

WEINSTEIN, Bárbara. A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural. **Revista Brasileira de História. Dossiê: arte e linguagens**. São Paulo, v.18, nº 35, 1998, p.227-246.